

Estudo da Ancine traça um panorama da TV por assinatura



Autor: Patrícia Kogut

A **Ancine** publicou um estudo sobre os aspectos econômicos e estruturais da **TV por assinatura** no Brasil. É um mapa bem completo (que o leitor pode conferir no <http://oca.Ancine.gov.br>). Na introdução está dito que “nos últimos 10 anos, houve um forte crescimento desse serviço no país. Ele passou a atender cerca de 19 milhões de domicílios em 2015. (...) A expansão do setor, somada ao estabelecimento de cotas de conteúdo nacional na grade das programadoras e nos pacotes das operadoras da **TV Paga**, vem consolidando esse segmento como uma janela fundamental para produção **Audiovisual** brasileira”.

É verdade que a Lei da **TV Paga** vem ajudando a fervura do mercado independente apesar da crise do país. As séries nacionais garantem emprego e estimulam o surgimento e a formação de talentos. Graças a essa norma, há prosperidade nesse ramo. A lei existe há cinco anos. Mas é possível também dizer, sem ser injusta, que ela não protege o público de programação irregular

(há atrações de qualidade, e outras, ruins também).

Quem lê o estudo pensando na **TV por assinatura** dos primórdios, há duas décadas, vai constatar como tanta coisa mudou. Ela cresceu e hoje compete com as emissoras abertas. O nicho ainda existe, mas é quase residual. As étnicas TV5, Rai e RTP foram empurradas para regiões remotas do line up. A BBC tradicional foi substituída pela BBC Earth. Diz o levantamento que, dos 199 canais analisados, 74 são destinados a filmes e séries. Depois, aparecem os esportivos (22 canais mais 19 de pay per view). Na sequência estão os de variedade (40), infantis (20), de **Documentários** (15) e jornalísticos (nove).

Por um lado é bom: a **TV Paga** ficou adulta. Mas também dá nostalgia das priscas eras.